



# LUTA e MEMÓRIA

# Bordiga, o fundador esquecido\*

## David Broder entrevista Pietro Basso\*\*

(Revista Jacobin Itália)

21/janeiro/2021

Na enxurrada de artigos e livros publicados por ocasião dos 100 anos da fundação do Partido Comunista da Itália (PCd'I)<sup>1</sup>, em 1921, na cidade de Livorno, a imponente figura de Amadeo Bordiga foi apagada ou pelo menos obscurecida e – em qualquer dos casos – “oportunisticamente” vilipendiada. Não só pelas pessoas carentes de ciência histórica e desprovidas de dignidade, mas também por parte de companheiros sérios, jovens ou não, que, infelizmente, conhecem a obra política e teórica do autor mais por ouvir falar (mal) do que por qualquer outro meio. A eles é dedicada esta entrevista, realizada por David Broder e publicada pela *Jacobin Itália*, com Pietro Basso, autor do livro *Amadeo Bordiga: uma apresentação*, publicado em 2021 pelas *Edições Punto Rosso*. Uma versão mais ampla dessa entrevista também está disponível, em inglês, na *Jacobin* (EUA), veiculada na ocasião da publicação da primeira Antologia de escritos de Bordiga em língua inglesa, *The Science and Passion of Communism: Selected Writings of Amadeo Bordiga 1912-1965*, Brill, 2020.

---

\* Esse texto foi publicado originalmente na revista “Jacobin Itália em janeiro de 2021”, disponível em <<https://jacobinitalia.it/bordiga-il-leader-dimenticato/>>. O texto foi traduzido por Giuseppina de Grazia e contou com a revisão final de Patricia Villen.

\*\* <<https://pungolorosso.wordpress.com/2021/01/21/bordiga-il-fondatore-dimenticato-david-broder-intervista-pietro-basso-jacobin-italia/>>.

<sup>1</sup> N. T.: O Partido Comunista da Itália (PCd'I) foi criado em 1921 e mudou seu nome para Partido Comunista Italiano (PCI) em 1943.

# Bordiga, o líder esquecido

19 de janeiro, 2021

MarxismistoriaFacebookTwitterPinterestShare

359

Embora tendo sido fundador do Partido Comunista da Itália e seu primeiro guia político nacional, em 1921, Amadeo Bordiga é pouco conhecido nos dias de hoje. No entanto, apesar de certa rigidez, seu pensamento tem ainda muito a dizer sobre o presente e o futuro.

Em agosto de 2020, a Editora Brill publicou na sua coleção “Historical Materialism” a primeira Antologia dos escritos de Amadeo Bordiga em inglês: *The science and passion of communism: selected writings of amadeo bordiga (1912-1965)*. O volume foi organizado por Pietro Basso, um militante marxista de longa data, atualmente redator da revista *Il cuneo rosso*. Sua introdução à Antologia foi publicada na Itália pelas *Edições Punto Rosso*.

**Bordiga é um comunista quase desconhecido no mundo anglófono, mas em grande parte também na Itália, apesar de ter sido, pelo menos durante três anos, o líder incontestável do Partido Comunista, criado em Livorno em 21 de janeiro de 1921, há exatamente um século. A historiografia do PCI (Partido Comunista Italiano) o acusou de colaboração com o fascismo e, depois, o condenou ao silêncio após a Segunda Guerra Mundial. Como explicar tal destino?**

Nos anos 1930, a difamação de Bordiga ocorreu conjuntamente com a “luta contra o trotskismo”. Sua expulsão do partido, em março de 1930, ocorreu por ter “apoiado, defendido e assumido o posicionamento da oposição trotskista”. Na década de 1940, particularmente após o fim da guerra, o grupo dirigente do PCI, conhecendo a forte influência exercida por Bordiga sobre os militantes do Partido, receava que ele retomasse a atividade política.

A punição, extremamente rígida, foi: criar um fosso físico, psicológico, ideológico e “moral” entre os quadros e os militantes do Partido, e Bordiga e as suas duras críticas à linha de colaboração nacional com os partidos burgueses e a classe capitalista unida ao PCI – uma perspectiva que, a despeito do nome “via italiana ao socialismo”, continha exatamente a renúncia ao objetivo histórico do socialismo.

A difamação e as tentativas de apagar Bordiga da história do partido foram executadas com métodos de vil falsificação. Por exemplo, nas *Cartas do cárcere*,

de Antonio Gramsci, Bordiga é mencionado 18 vezes, via de regra com simpatia. Apesar das diferenças de formação e das divergências políticas, os dois estavam de fato ligados, para além da militância em comum, por sentimentos de estima e amizade que nunca acabaram. Porém, na edição das *Cartas* organizada por Felice Platone, em 1947, o nome de Bordiga desaparece e as passagens que fazem alusão a ele foram vulgarmente adulteradas. Depois, foi colocada em circulação uma foto falsificada de um (suposto) casamento da filha de Bordiga, no qual a (suposta) esposa era homenageada por um bando de Mosqueteiros do Duce<sup>2</sup>. Bordiga, certa vez, a atirou no rosto de Massimo Caprara, por longo tempo secretário de Togliatti.

### **Quando terminou essa operação de difamação/ocultação de Bordiga?**

Começa a perder força no final dos anos 1960, quando a Itália foi sacudida por um impetuoso ressurgimento das lutas operárias e sociais, que expressava uma crítica das massas, talvez superficial e pouco efetiva, ao “partidão” reformista, cada vez mais integrado organicamente às instituições e à lógica burguesa. Nesse novo contexto social e político, nasceu o impulso para reconstruir a verdadeira história do movimento comunista na Itália, tanto entre os historiadores de esquerda mais independentes (Cortesi, Fatica, De Clementi, Merli), quanto entre os militantes. A partir disso, foi possível se deparar com a imponente figura de Amadeo Bordiga e a história do PC Italiano, naquilo que realmente rerepresentaram. De minha parte, meu encontro com Bordiga ocorreu em meados dos anos setenta, estimulado pelas inteligentes “provocações” de Silvio Serino. Posteriormente, aprofundi o estudo, seguindo o conselho de Paulo Turco, um valente internacionalista, a quem dediquei a Antologia.

**Apagar Bordiga era também funcional para a construção de uma certa visão de Gramsci – o patriota, o democrata, etc. – contrapondo, talvez de forma exagerada, estes dois militantes que afinal haviam colaborado para a fundação do PCd’I, não acha?**

Com certeza: a ocultação de Bordiga também ajudou o PCd’I a remover a participação de Gramsci na fundação do PCd’I enquanto partido internacionalista revolucionário; a substituir o Gramsci crítico feroz do PSI (Partido Socialista Italiano) e adepto entusiasta da Terceira Internacional, por um Gramsci útil para legitimar, por meio do frontismo<sup>3</sup>, a completa adesão do PCI aos interesses do

<sup>2</sup> Guarda de honra criada pelo governo de Benito Mussolini na Itália, em 1923, ligada à milícia voluntária para a segurança nacional.

<sup>3</sup> Frontismo: coalizão dos partidos de esquerda.

capitalismo nacional (e internacional), o nobre pai da longa marcha do PCI nas instituições do Estado burguês. Para depois se desfazerem dele como de um velho e empoeirado boneco de pano, substituindo-o por figuras de outro tipo: os Willy Brandt, os Tony Blair, o casal Clinton.

**Um dos aspectos mais conhecidos da ação e do pensamento de Amadeo Bordiga, mesmo entre aqueles que não o conhecem bem, é o seu abstencionismo eleitoral, inclusive por ter sido o motivo da polêmica de Lenin contra ele. Você, ao contrário, argumenta que é necessário redimensionar a importância que o abstencionismo teve na atividade política de Bordiga.**

Eu vejo uma contradição: a rejeição da questão eleitoral em Bordiga tornou-se cada vez mais radical até o famoso artigo publicado no “*Avanti!*”, em 21 de agosto de 1919, no qual aparecia a clara alternativa: *preparação revolucionária ou preparação eleitoral*. Porém, toda vez que ele foi obrigado a escolher entre sua convicção abstencionista e a disciplina de partido, venceu a disciplina.

Isso ocorreu em 1919, no II Congresso da Internacional (1920); em 1921, quando estava à frente do PCI, defendeu que era justo participar das eleições, uma vez que se tratava de uma fase de reação política; o mesmo em 1924, quando já estava na oposição no partido. Inflexível e também esquemático na formulação de princípios, na ação política mostrava-se mais flexível.

Todavia, é um fato o progressivo endurecimento abstencionista, colocado no Pós-Guerra como questão de princípio. E remete à peculiar concepção, mais geral, da própria tática de Bordiga, que quase se dissolve na estratégia, devido à pretensão – contestada por Bucharin – de “fixar o olhar para o desconhecido”, fazendo antecipadamente “o inventário de todas as hipóteses” e elaborando “todo tipo de medidas de precaução para não cometer nenhum erro”.

**Aqui, você toca em um ponto muito interessante. Normalmente, a “complexidade” dos países democráticos do Ocidente é usada para insistir sobre a necessidade de adotar táticas mais flexíveis, alianças mais amplas, e para pensar etapas intermediárias entre o capitalismo e o socialismo. Bordiga, ao contrário, considera que à “diversidade” do Ocidente e suas formas específicas de hegemonia e consenso, é necessário responder por meio de um embate frontal às instituições democráticas, posição que também adotou frente à ascensão do fascismo.**

Também neste caso o balanço é claramente preto no branco. Pode-se censurar Bordiga e o jovem Pcd'I das origens por não terem sabido utilizar adequadamente a arma da tática, seja em relação às massas operárias enquadradas no reformismo, seja em relação às “classes médias”. Pode-se contestá-lo por ter erra-

do ao supor que a burguesia italiana teria preferido os “Noske” italianos aos “Mussolini”, e que o fascismo teria mantido algum formalismo liberal-democrático (o que aconteceu de fato só até 1926). Pode-se também atribuir o seu antidemocratismo de princípio mais à raiz libertária do seu próprio pensamento do que ao marxismo, e disso entender suas perigosas recaídas sobre a necessária batalha pela defesa dos direitos democráticos das classes trabalhadoras.

Mas o outro lado da moeda não é menos importante. Em primeiro lugar, o Pcd'I sob a liderança de Bordiga foi o *único* partido que enfrentou coerentemente e de forma organizada o fascismo (o que beneficiou largamente também o “novo partido” de Togliatti nos anos da Resistência). Em segundo lugar, Bordiga foi reconhecido por ter colocado (digo: colocado, *não resolvido*) a questão da particular “potência histórica do parlamentarismo burguês” no Ocidente. E por ter evidenciado que não se poderia transferir mecanicamente à Europa Ocidental a tática adotada na Rússia, subestimando o fato de que os modernos estados capitalistas liberais dispunham de uma capacidade de autodefesa e de intervenção na vida do movimento operário muito maior do que os Estados autocráticos. Além disso, do ponto de vista histórico, é incontestável sua previsão de que a burguesia democrática, após ter aplanado a estrada para o fascismo, iria usá-lo e, no momento oportuno, descartá-lo. Do mesmo modo, identificou nos estados democráticos tendências cada vez menos liberais, cada vez mais burocrático-totalitárias, e denunciou o estreito vínculo entre democracia e militarismo – cujo maior exemplo foi, e ainda é, o imperialismo estadunidense.

### **Bordiga se destacou por sua visão peculiar de partido, além da sua crítica à democracia.**

Seu lema mais expressivo é: o partido é ao mesmo tempo um *produto* e um *criador* da história. Porém, especialmente no pós Segunda-Guerra, há um exagero, ou melhor, vários exageros desse mesmo lema a partir de uma interpretação “subjetiva”, que o leva a representar o partido quase como um *deus ex machina* do processo revolucionário, chegando a dizer que este “define a classe, luta pela classe, governa para a classe e prepara o fim dos governos e das classes”. O resultado é uma espécie de canonização metafísica do partido em detrimento do papel ativo das massas, da classe trabalhadora e dos explorados em geral, e de uma consideração adequada das pré-condições objetivas que permitem aos proletários “organizarem-se em um partido”.

Nesse sentido, ele se distingue tanto dos membros dos Conselhos e de Rosa Luxemburgo, quanto de Lenin. Esta parte é, em minha opinião, *a mais frágil do legado de Bordiga*. E também a mais *contraditória*, porque, mesmo tendo afirmado várias vezes que a degeneração do partido comunista não dependia, essencialmente, de modelos de organização equivocados, no Pós Segunda-Guerra

valorizou alguns conceitos ou medidas organizativas como se fossem, ao contrário, capazes de preservar, por si só, a integridade do partido (do centralismo orgânico à rejeição dos estatutos e regras, do absoluto anonimato ao partido como *Gemeinwesen* que antecipa a sociedade futura).

**Um aspecto muito importante de toda a militância e pensamento de Bordiga é o internacionalismo. Ele sempre situou, seja os problemas russos, seja os italianos, no contexto internacional, negando a possibilidade de construir o socialismo num só país (além de tudo atrasado). Por isso sua crítica a Stalin, em 1926, no VI Executivo ampliado, e sua insistência em que todos os partidos do *Comintern* também assumissem os problemas “russos”.**

O internacionalismo foi um traço marcante, do primeiro até o último dia de sua vida de militante, e essa atitude teórica e política é de uma extraordinária atualidade. Ele estava entre os dirigentes da Terceira Internacional mais radicalmente convencidos de que a batalha entre capitalismo e socialismo era uma batalha mundial, e teria um resultado unitário, de vitória ou de derrota; sem, no entanto, perder de vista – como se costuma erroneamente argumentar – a diversidade dos contextos, das situações e dos percursos do movimento revolucionário internacional. Para ele (obviamente, não só para ele), o Outubro russo era apenas o Primeiro Ato da revolução socialista internacional.

Entrou para a história seu combate no VI Executivo ampliado (Moscou, fevereiro de 1926) para asseverar que a questão russa não era simplesmente russa: o destino da revolução russa era decisivo para aquele da revolução internacional – como efetivamente foi. Daí, as decisões a serem tomadas para se desenvolver progressivamente “elementos socialistas na economia russa”, as escolhas direcionadas aos camponeses, aos *nepmen*, à pequena burguesia, à política do partido e do Estado russos, interna e externamente, eram questões vitais para o movimento comunista internacional como um todo, para os destinos do conflito, ainda aberto, em 1926, entre revolução e contrarrevolução, que deveriam, portanto, ser enfrentadas e decididas em conjunto, por toda a vanguarda comunista internacional.

Permaneceu sozinho defendendo essa tese, porque nos partidos comunistas vigorava, há anos, uma política de marginalização, intimidação e de um “voluntário” confinamento no silêncio de todos que não compartilhavam os rumos que estavam sendo tomados na Rússia e na Internacional. Sobretudo porque, há alguns anos, já tinha se iniciado o recuo do processo revolucionário diante da força da contraofensiva capitalista, também internacional (democracia + fascismo).

A crítica de Bordiga ao stalinismo evita o moralismo, o democratismo, a tentação de individualizar o “mal”, e a genérica repulsa ao burocratismo. No pós

Segunda-Guerra, talvez em polêmica com alguém, ele defende que o stalinismo, *contrarrevolucionário* na política, teve a função revolucionária de *construir o capitalismo* na Rússia.

**Expulso do partido em 1930, Bordiga retira-se da vida política. Ele definiu a derrota da segunda metade de 1920 como uma derrota fundamental duradoura, depois da qual se deveria esperar uma mudança de fase histórica antes de ser possível reconstruir o partido. Não se lançou numa luta sectária dentro da Internacional, e na ocasião de uma rara entrevista antes de sua morte, quando lhe perguntaram por que não tinha ido para o exterior, a resposta foi: “não havia nada a ser feito”.**

Na verdade, sua resposta sempre foi essa. E pode ser explicada também pelo fato de que o duríssimo e duplo golpe infligido pelo fascismo ao Pcd'I, em 1923 e em 1926, na prática o desarticulou. Na Itália dos anos trinta, até o Pci de Togliatti fez muito pouco ou quase nada. Gramsci, preso quando era secretário do Pcd'I, foi abandonado à própria sorte. Pode-se criticar Bordiga por ter interrompido todos os seus relacionamentos, até mesmo com os companheiros mais próximos da esquerda, que emigraram para a Bélgica, França, Estados Unidos, e com aqueles que permaneceram na Itália. Até porque, na década de 1930, na Espanha, França, China, entre outros lugares, ocorreram importantes conflitos de classe. No entanto, é preciso lembrar que o precipício contrarrevolucionário foi devastador em velocidade e profundidade e, naquele terrível turbilhão, nem mesmo o irredutível Trotsky conseguiu obter resultados relevantes.

Quando Togliatti desembarca em Nápoles, no final de março de 1944, a primeira coisa que pergunta, segundo alguns de seus companheiros, é: “O que Bordiga está fazendo?” Era um traço característico de Bordiga negar o papel do indivíduo, até mesmo a sua própria importância. Mas, é fato que durante a Primeira Guerra Mundial tinha sido um líder carismático do anti-intervencionismo e, em 1943-44, poderia ter se tornado uma referência para as várias oposições e minorias existentes na base do PCI, muito confusas, mas convictas de estar restaurando as tradições do partido de 1921...

Parece que Bordiga defendia a opinião de não apressar, e até mesmo de desaconselhar o afastamento do PCI dos quadros proletários mais ligados à experiência da década de 1920. Talvez esperasse uma evolução não de indivíduos ou pequenos grupos, mas de um setor do proletariado combativo, orientado aos posicionamentos da Esquerda. O que é certo, porém, é que foi pressionado, por diversos lados, para que voltasse a campo com os posicionamentos “de sempre”. Ele relutava, porque considerava muito prematura qualquer tentativa de reconstruir “o partido”. No entanto, do final de 1944 até 1965-66, desenvolveu, de toda maneira, uma intensa atividade, embora muito diferente daquela dos anos 1911-1926.

### **Pode comentar um pouco mais a respeito das diferenças da atividade de Bordiga nos dois períodos?**

Não são apenas dois períodos da atividade militante de Bordiga, são *duas fases históricas radicalmente diferentes*. E essa *diferença radical* teve um impacto decisivo nas características de sua atividade. Os anos de 1912-1926 correspondem à incubação e à explosão do maior ciclo revolucionário da história contemporânea, com o protagonismo do proletariado industrial russo e europeu, e das massas camponesas pobres da Rússia. Ao contrário, os anos de 1945-1965 coincidem com as míticas décadas da paz (*na Europa*) e do desenvolvimento pós-bélico, marcados por um ritmo sem precedentes de acumulação do capital e pelo advento da “sociedade de consumo”.

Uma longa fase particularmente *desfavorável* para a ação política organizada dos revolucionários. Na Itália, houve apenas um curto período de tempo, entre março de 1943 e junho de 1947, no qual foi dada aos mais firmes revolucionários internacionalistas do PCI a oportunidade de desenvolver, enquanto Partido comunista internacionalista, um trabalho político organizado que fosse em alguma medida vinculado aos setores de massa. Após esse período, o trabalho do *Programa comunista*, o coletivo dos companheiros com os quais Bordiga trabalhou depois de 1952, foi um trabalho essencialmente teórico e em grande parte de propaganda política.

### **Bordiga sempre falou da importância de retornar ao marxismo clássico. Em que sentido poderíamos dizer, no entanto, que sua elaboração no Pós Segunda-Guerra foi inovadora?**

Amadeo Bordiga e o coletivo de companheiros próximos a ele viram-se diante da colossal tarefa de restabelecer as pedras angulares da teoria marxista, não mais recorrendo apenas a “simples fragmentos” dela, mas *repercorrendo seu conteúdo de cima abaixo*, uma vez que nenhum de seus aspectos havia permanecido intacto após a obra de adulteração realizada pelo stalinismo e o hábil uso capitalista dessa adulteração.

Bordiga utiliza as ferramentas fornecidas pela tradição marxista, sobretudo para examinar e enquadrar a experiência da “construção do socialismo” na Rússia. Para resolver esse enigma, usa as categorias da economia política marxiana, indo direto às *relações de produção* e questionando se na Rússia de Stalin vigoravam ou não as mesmas categorias do capitalismo no Ocidente. Tratou-se de um enorme trabalho de pesquisa sobre os dados relativos à evolução social da Rússia, no qual estava empenhado e, junto com ele, todo o coletivo do *Programa comunista*.

Ele defende que o essencial não é a propriedade estatal ou privada dos

meios de produção, mas sim a extração do mais-valor e do lucro; são os critérios de fundo a partir dos quais a produção é organizada; é a centralidade, ou não, da empresa, do despotismo empresarial (“o monstro é a empresa, não o fato de ter apenas um proprietário”)<sup>4</sup>; é a existência ou não da produção de mercadorias, a troca mercantil, a venda e a compra da força de trabalho, o salário, a contabilidade em moeda, os preços que não são meros instrumentos técnicos, residuais, na circulação de um modo de produção já ultrapassado. Se essas categorias permanecem, o capitalismo continua existindo. E, portanto, não pode existir um verdadeiro planejamento socialista, porque este é feito com base no dimensionamento das *necessidades sociais*, determinando *ex ante* o que se deve produzir.

Poucos marxistas demonstraram com tanta clareza que uma coisa é a economia estatal, outra coisa diferente é a economia socialista. Para Bordiga, a tendência geral – já na década de 1950 – era a *redução* dos elementos estatais na economia, não o contrário. E as figuras dos clássicos empresários capitalistas privados estavam se formando no interior das redes de conexão entre as empresas e o mercado, assim como no despótico processo de extração do mais-valor dentro das empresas, estatais ou não. Ainda não se assumiam como tais, mas a “confissão” chegaria. De fato, veio em sua plenitude no período da perestroika gorbacheviana e nos anos seguintes. Ou alguém acha que os “tubarões” da era Yeltsin foram lançados de paraquedas do exterior?

**Na Antologia também há uma ampla seção de escritos de Bordiga sobre os Estados Unidos, talvez sejam menos conhecidos...**

De fato, no pós-Segunda Guerra, outro grande campo de aplicação da crítica bordighiana, que mobilizava as armas re-calibradas do marxismo clássico, são os Estados Unidos - o país-guia do capitalismo ocidental e mundial, que nesse período difundia por toda parte, mesmo além da cortina de ferro, a utopia de um *capitalismo opulento e popular*, capaz de superar eficazmente a polarização de classe. Selecionei uma dezena de textos do período de 1947-1957, que falam dos Estados Unidos, de seu “assalto à Europa”, sua guerra na Coreia e seu modelo de sociedade.

Já nos anos 1950, Bordiga foca a tentativa estadunidense de “promover” o proletário a *consumidor*, forçando-o a se endividar por meio de uma disciplina insana de “adesão a consumos padronizados e uniformizados, muitas vezes danosos”. A economia capitalista é enquadrada por Bordiga nos anos 1950 como

<sup>4</sup> N. T.: Com esta frase, o entrevistado quer ressaltar a crítica de Bordiga à ilusão de pensar que a passagem da propriedade privada dos empresários àquela coletiva (estatal) resolveria a questão. O aspecto crucial é que a produção não deve ser organizada por empresas independentes e concorrentes entre si, mas orientada à satisfação das necessidades sociais.

uma *Disaster Economy*, com uma crítica à *economia do desperdício* que não tem paralelo em outros marxistas.

### A Economia de desastres...

Sim, antes, muito antes do atual resgate da dimensão ecológica do pensamento de Marx, Bordiga mostrou que no marxismo das origens a agressão capitalista ao trabalho vivo e a agressão do capital à natureza são duas faces da mesma moeda e, utilizando esta mesma perspectiva, percebe-se no capitalismo contemporâneo “*uma fome feroz de catástrofe e ruína*”.

Ao caracterizar o capitalismo contemporâneo a partir de sua hipertrofia financeira, sua hipertrofia especulativa, sua hipertrofia de consumo e de endividamento, sua monstruosa hipertrofia militarista, sua destrutividade anti-ecológica, sua renovada opressão neocolonial sobre a população não branca, e assim por diante, Bordiga demonstrou sua capacidade de *enxergar longe*... Na sua crítica às características degenerativas do supercapitalismo norte-americano, não há nada do corriqueiro antiamericanismo com seu ranço nacionalista ou europeísta; há a crítica das *tendências gerais do modo de produção capitalista* e dos danos crescentes que provoca na vida da humanidade e da natureza. Uma crítica contundente, carregada de sarcasmo, extremamente atual, que demonstra o caráter *antiprodutivista* do marxismo de Bordiga.

Não por acaso, em 1953, ao traçar um programa das primeiras transformações revolucionárias a serem implementadas nos países capitalistas desenvolvidos, coloca no centro um *plano de subprodução*: cortar milhares de horas de produção inútil ou danosa, desinvestir, aumentar os custos de produção, erradicar o hábito do superconsumo. Em muitos aspectos, este não é mais o programa do *Manifesto do Partido Comunista* de 1848... Partindo dos estudos de Marx e do marxismo, incluindo os textos esquecidos ou recém-descobertos (os *Grundrisse*, sobre os quais escreveu o primeiro comentário em italiano), chega à definição do comunismo como um *projeto de vida para a espécie humana*. Um projeto unitário e internacional de produção e consumo, fundado na satisfação das autênticas necessidades humanas. Estes temas foram colocados bem à frente de seu tempo e, no momento atual, todos eles se apresentam com uma impressionante dramaticidade.

Ainda que não achasse que estivessem construindo o socialismo, Bordiga também reconheceu a força disruptiva das revoluções anticolonialistas e repudiou qualquer visão aplainada e indiferenciada do mundo.

Nos anos 1920, Bordiga ficou perplexo frente às teses sobre a questão colonial aprovadas no II Congresso da Internacional Comunista. Mas, no pós Segunda-Guerra, tocado pelo forte movimento colonial tricontinental, conserta seu erro e adere, em essência, à visão que trinta anos antes havia hesitado em encampar.

Para Bordiga, as revoluções anticoloniais são *revoluções sociais autênticas*, revoluções agrárias, antifeudais, nacionais. Certamente limitadas ao estabelecimento de relações sociais burguesas, mas *verdadeiras* revoluções que, ao ampliar a área das relações sociais capitalistas no mundo, em confronto com as grandes potências e, ao arrastar imensas massas de explorados para o âmbito da política mundial, alargavam as bases para o renascimento de um movimento proletário internacional mais poderoso do que nunca.

Nos últimos anos, principalmente no mundo anglo-saxão, é evidente um “retorno a Marx”, que se explica pela ocorrência de uma crise do capitalismo que marca uma época. Neste novo contexto histórico crivado de eventos catastróficos como aqueles em que o capitalismo nos afundou desde o início do século, estou convencido de que o “fóssil de iguanodonte” Amadeo Bordiga será redescoberto como um marxista (*sui generis*) que tem muito a dizer sobre o presente e o futuro, enquanto aquele que assim o definiu (o ilustre Togliatti) será definitivamente relegado ao esquecimento.

*Pietro Basso* foi professor de sociologia nas Universidades de Nápoli (Instituto Oriental) e de Veneza (Ca' Foscari). Com a marca da crítica marxista do capitalismo, suas obras sobre o tempo de trabalho, o desemprego, as migrações internacionais, o racismo doutrinário e de Estado, a islamofobia, as lutas do proletariado, foram traduzidas em muitos idiomas.

*David Broder* é historiador do comunismo francês e italiano, editor europeu do Jacobin.

Recebido em 5 de julho de 2021

Aprovado em 3 de setembro de 2021